

## 5.

### Conclusão

*“(...) Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis E nem os seres desprezados.”*

Manoel de Barros, *Obrar, Memórias Inventadas: A infância*, 2003.

É chegada a hora de dizer até breve a Água Mineral. Começo a fazer o caminho de volta, que diferente da primeira viagem em que sequer tinha uma imagem do que fosse Água Mineral, agora levo na bagagem, um conjunto delas. Todas as imagens mostradas a mim por aqueles que se entregaram à aventura de conhecer um pouco mais do lugar onde moram e assim, conhecer um pouco mais de si mesmos. Por isso, trazemos algumas imagens que, além de todas já apresentadas e analisadas, não poderiam ficar de fora desta cena final, pelo significado, pela beleza. Estas imagens contam o percurso dessa dissertação e o meu percurso dentro de Água Mineral. Assim, iniciaremos o percurso de volta para casa, saindo deste lugar que não existe no mapa da cidade, mas certamente, agora existe na memória não somente minha, mas de todos aqueles que tiveram e terão contato com esse texto.

Antes, porém, de começarmos o caminho de volta com as fotografias, lembro de uma canção de Oswaldo Montenegro que acredito embalar esta trilha. Trago à cena a poesia. Temos todos a mesma história, já que, como Severino, somos todos iguais em pia e o que nos identifica como não sendo Severinos e sim um Severino específico é o lugar de onde viemos, os afetos que trazemos. A vida que vivemos é como um percurso que somente um único ser humano pode trilhar; outro, trilharia de outra forma, mesmo que o caminho físico fosse o mesmo. Diz-nos o poeta:

Temos todos a mesma história  
Várias ondas e um oceano  
Vários fatos e uma memória  
Vários jogos e um só engano  
Temos todas as mesmas lendas  
E eu achava que era sozinha  
Um soneto e várias emendas

Sou mil versos e uma só linha  
 Temos todos o mesmo medo  
 Dez mil passos e uma só dança  
 Dez mil papos e um só segredo  
 Dez mil dores e uma esperança  
 Temos todos a mesma história  
 E hoje a tua passa a ser minha  
 Meu passado tua memória  
 E eu passei a não ser sozinha

Depois de um ano, posso afirmar que desta intervenção em Água Mineral muitas marcas deixaram. Água Mineral poderia ser comparada a essa metáfora de ser um oceano, denso, preto, verde ou azul, mas eu não conhecia as ondas que compunham esse oceano, nem sua memória, nem sua história. Essa comunidade era o meu lugar de trabalho e eu desejava conhecê-la, compreendê-la e assim poder construir um trabalho, uma prática, um compromisso. Nova no lugar, estrangeira, “Eu achava que era sozinha”. Só que quando decidi por escrever essa dissertação sobre a invisibilidade desta comunidade, fui me conectando com muitas outras histórias de invisibilidades. O Beco dos Trilhos da minha memória e a *Convignton* da ficção foram surgindo como metáforas que me faziam compreender Água Mineral e que me inquietavam na busca de pensar o sujeito nesses lugares... os seus modos de viver, de falar de si, de se colocar diante dos fatos da vida, de afetar e ser afetado por eles. Recordei e assim passei a ser “mil versos em uma linha” e, ao mesmo tempo, Água Mineral e os jovens participantes da intervenção fotográfica passaram a não ser mais somente uma linha, e sim mil versos, “sonetos com várias emendas”. Emendas que iam revelando a mim pedaços de vidas que eu jamais saberia que existe se não tivesse tentado dançar uma dança com eles e com eles conversar, construindo assim “dez mil passos e uma só dança”, “dez mil papos e um só segredo”, ouvindo “dez mil dores”, mas igualmente ouvindo “uma esperança”. Água Mineral deixou de ser uma só linha, a rua Salvatori, que é a rua principal, e passou a ser mil versos, pois muitas outras ruas foram reveladas, por muitas outras linhas passei, visitei, andei. Outros rostos, para além daqueles já conhecidos foram trazidos à cena: das crianças sorrindo, brincando, da avó que cuida e ensina, da mãe que passeia com seus filhos... E, no fim de tudo, quando termino a escritura dessa dissertação, eu percebo que hoje a história desses jovens, dessa comunidade, seus anseios, seus medos, suas

esperanças passaram a ser minhas também, posto que fui eu a depositária das imagens e das falas. Ficou comigo, a estrangeira do lugar, a possibilidade de dar voz, olhar e imagem para os moradores de Água Mineral e, assim, “hoje a tua história passa a ser minha/ Meu passado, tua memória/ E eu passei a não ser sozinha”. Que fique aqui a oportunidade, para quem ler essa dissertação, de conhecer Água Mineral, e quem sabe, parar para pensar em quantos momentos somos sozinhos, somos invisíveis nos nossos próprios lugares de pertencimento e, quem sabe, assim, conseguir entender que a invisibilidade dói e ameaça a integridade não somente do homem, mas principalmente da comunidade na qual vivemos.

Ficamos, então, com as imagens escolhidas para o encerramento desta dissertação: uma criança que aprende com sua avó, que tem a sua companhia, a sua presença e olhar, as crianças que brincam e olham para a gente quase como que chamando para compartilhar da alegria daquele instante de brincadeira, a mãe que leva seus filhos consigo, num ato de cuidar, e a mulher grávida, gestando uma nova vida, num tempo de espera... E assim como a grávida desta última imagem, Água Mineral, também está *à espera um novo momento...*



Figura 27



Figura 28



Figura 29

### **À espera de um novo momento**



Figura 30